

“SELFIE” X “PANORAMA”: UM OLHAR SOCIOAMBIENTAL SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO

Jonathas Vilas Boas de Sant'Ana.

Mariana Ribeiro de Moraes.

Matheus Vilas Boas de Sant'Ana.

Fábio de Melo Bandeira

1 Introdução

Um dos maiores desafios no contexto educacional atual é reinventar as práticas com relação à temática do meio ambiente, alinhando-as numa visão socioambiental. Isto exige que se aprofunde a compreensão sobre o papel da escolarização quanto à formação dos sujeitos para um posicionamento ativo perante a problemática ambiental, que não pode ser vista na lógica superficial de causa-efeito.

Geralmente crê-se num descolamento entre ser humano e meio ambiente, a natureza, principalmente. Entretanto, esta visão dicotômica tende a levar os indivíduos a olharem para a realidade de modo egóico, como se fossem, cada um deles, os únicos seres meritórios de presença no mundo. É neste contexto que o presente trabalho se insere, com o objetivo de fomentar um olhar socioambiental no cenário teórico-prático da educação. Por meio disto pretende-se possibilitar a construção de novos caminhos metodológicos, admitindo-se que o campo educacional ainda não atingiu a necessária centralidade que deve ter com relação à problemática do meio ambiente.

Para tanto, discute-se aqui a visão característica do tempo presente a partir de uma reflexão sobre a “selfie”, moda fotográfica viralizada que revela o pensamento social da época, o qual chamaremos de visão “selfie” de mundo. Em contraponto, apresenta-se a visão “panorama” de mundo, com a comparação de que a fotografia panorâmica permite a visualização de interações homem-meio, diferentemente da “selfie” que centraliza somente o indivíduo filtrado por seus próprios interesses.

No esforço de incentivar a reflexão dos sujeitos envolvidos no processo educativo para repensar conceitos, incentivando uma visão educativa que releve a interação de sujeito-sujeito e sujeito-ambiente realizou-se pesquisa bibliográfica e análise de uma experiência pedagógica. Assim, primeiro faz-se uma discussão teórica pertinente à temática. Em seguida, analisa-se como possível caminho a metodologia da Instalação Pedagógica, realizada pelos

autores no ano de 2014, com foco no estímulo à sensorialidade e na ressignificação do conceito de paisagem e meio ambiente. Por fim, considera-se a necessidade de levantar mais vozes a favor de uma relação socioambiental sustentável, bem como aponta-se algumas questões a serem investigadas posteriormente.

2 Da visão “selfie” à visão panorama da realidade: relação homem-meio nos dias atuais

As redes sociais na internet, embora tenham inegáveis contribuições para a vida humana em diversas áreas, demonstram o estado de consciência do homem atual. O registro fotográfico, que antes era amplo e significava as relações do homem com o meio em momentos sociais relevantes, hoje é controlado pelo indivíduo que aparece na imagem e restringe virtualmente as possibilidades do ambiente à sua centralização na “selfie”.

Sem espaço para as relações, para a paisagem, o meio e a natureza, as “selfies” capturam na maioria das vezes o indivíduo isolado e deixam de lado o espaço em que este está inserido. Isto revela a falta de conexões com o meio e o interesse cada vez mais artificial de centralização superficial, solitária e egoísta. Não se mostra a beleza do meio em que o sujeito está a não ser que esta acrescente vantagens ao fotografado – afinal, o foco é o ego e não o eco. Nesse sentido, a imagem da natureza torna-se uma criação humana, uma fragmentação, um recorte selecionado conforme o interesse próprio, que exclui o todo, “a realidade”, criando um meio virtual para si, um todo ilusório em que se usa o espaço natural tão só como ornamento. Ao negar o meio onde está inserido, o sujeito nega sua identidade em nome de uma identidade imagética idealizada.

As produções fotográficas e conceituais individuais e resultantes da visão “selfie” de mundo revelam o que Bauman (2008) postula como a transformação do homem por ele mesmo em mercadoria, dentro de uma sociedade que vive para o consumo. As pessoas “são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma *mercadoria* atraente e desejável. [...] E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são *elas mesmas*” (BAUMAN, 2008, p. 13). Assim, as pessoas tornam-se elas mesmas promotoras de mercadorias e as próprias mercadorias – imaginário escancarado nas “selfies”.

Esta “sociedade de consumidores” coloca como as principais ocasiões de interação humana os encontros entre consumidores e produtos. As relações sociais se reconstróem a partir do movimento entre consumidores e objetos de consumo. Isto equivale a afirmar que a o desejo e a “característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que

cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a *transformação dos consumidores em mercadorias*” (BAUMAN, 2008, p. 20). Impera a lógica do “compro, logo sou”. Ser sujeito, “ser alguém” tornou-se sinônimo de endossar o sonho de ser mercadoria desejável que não se relaciona de fato com os outros, mas tem seu prazer no processo do consumo em que ele próprio é o produto ofertado.

A “selfie” é uma edição da realidade humana a fim de mostrar a face idealizada, comercializável do “eu”. Neste contexto, a realidade é fabricada a partir de um olhar egoísta que produz o cenário humano. Os cosmopolitas do ciberespaço são movidos por valores sociais descartáveis como o egoísmo e a competitividade. As regras validadas no jogo social contemporâneo impõem a necessidade extrema de “ser melhor que o outro” para alcançar determinado *status* social numa sociedade onde o próximo torna-se um rival, um oponente, um inimigo a ser destruído para que o ego tome o trono. O “outro” é visto como um objeto a ser utilizado em benefício próprio, para a glamourização e ostentação do “eu”.

A rede virtualizada de relações sociais forja interações inexistentes no âmbito real. A convivência entre as pessoas flutua numa nuvem de tecnologias artificiais, tornando os relacionamentos superficiais, inconstantes e dependentes de artefatos sensíveis ao toque. O ritmo frenético imposto pelos mecanismos de standardização da comunicação atinge também as relações socioambientais do homem, desacostumando-o a prezar pelo prazer de relações orgânicas com seu meio. Este tipo de relação demandaria contatos mais prolongados, a vinculação de afetividades e conexões com a natureza e os outros homens.

É interessante observar que a questão ambiental está atrelada às relações dos seres humanos, pois é aí que se produzem as visões acerca do mundo. Portanto, refletir sobre a superficialidade dos contatos entre as pessoas e a característica narcisista da sociedade contemporânea faz parte de uma discussão socioambiental.

Nesta medida, Barcelos, (2008) contribui ao destacar as relações entre desequilíbrios ambientais e sociais, sendo que uns tem íntima relação com os outros. Para o pesquisador, isto se deve ao fato de que os sujeitos humanos não aprenderam ainda viver juntos e organicamente ligados ao seu ambiente. Como solução, é preciso ultrapassar o mero discurso e criar diferentes metodologias de educar o homem no que tange a si mesmo e a seu meio.

Paradoxalmente, a maioria das pessoas, ao mesmo tempo em que não se cansa de falar de cooperação, não perde nenhuma oportunidade de valorizar a competição. Seja na escola, na rua, nas empresas, nos esportes, enfim, nem sequer as relações no âmbito familiar têm escapado desta ânsia competitiva que parece ter tomado conta

do nosso ser. Somos prodígios em falar de participação, contudo vivemos num ambiente onde tudo parece estar a nosso serviço, a nossa disposição e para ser apropriado da maneira mais utilitarista possível. A ânsia consumista que assola boa parte de nossa sociedade é apenas uma das partes visíveis desse processo de negação ao outro do acesso aos meios básicos necessários para uma sobrevivência ecologicamente, saudável, digna e justa (BARCELOS, 2008, p. 20).

A relação do ser humano com sua imagem editada no campo virtual mistifica os problemas reais da convivência humana, como estes apontados por Barcelos (2008). Com um clique o indivíduo acredita se tornar isento de sua responsabilidade social, isto é, crê que sua expressão cibernética de indignação – por meio do compartilhamento de imagens, notícias, vídeos etc. – com os problemas reais substitui sua atuação concreta. Mesmo que não se possa separar virtualidade de realidade, há uma ausência de práticas que interfiram na transformação do meio, pois a prática cibernética por si só não transforma a realidade.

Neste quadro, ao adotar uma visão “selfie” da realidade, o homem não se coloca numa relação socioambiental, já que está desacostumado à relação interpessoal e se encontra como fruto de sua própria criação – a internet, o paraíso do ego. Enredado numa teia virtual, o meio socioambiental de interação direta perde o sentido.

Em contraponto a esta visão reduzida do real propomos a ideia de visão “panorama” da realidade, pois uma fotografia panorâmica, no inverso da “selfie”, possibilita a expansão de horizontes, desencadeando o contato entre o sujeito, seu meio e com os demais humanos. O olhar “panorama” permitiria a compreensão da necessidade de ultrapassar a focalização no “eu” para postular como centro as inter-relações. Algumas contribuições teóricas podem ser elucidadas convergindo com este argumento.

Jacques Aumont (2004), ao discutir sobre o cinema e a pintura como extensões do olhar humano, afirma que as técnicas de tratamento de imagens são construções históricas. A invenção da fotografia, segundo ele, está atrelada a um momento histórico em que se muda da prática comum de esboçar uma realidade projetada para a prática de registrar a realidade tal como ela é. Ora, na linha do que argumentamos até aqui, a “selfie” seria o esboço enquanto o “panorama” seria a tentativa de olhar a realidade como é.

Entretanto, Aumont (2004) dialoga com esta ideia da realidade como “é”, apontando que “Olhar a natureza 'tal como ela é', isso se aprende” (AUMONT, 2004, p. 51). Portanto, o que ocorre é a construção da natureza a partir da relação entre o homem e a mesma, considerando os múltiplos fatores inseridos aí.

Sendo assim, a visão “panorama” de realidade se solidifica a partir da noção do próprio termo. “Panorama’, asseguram-nos, vem de duas raízes gregas que significam onividência; trata-se, é claro, de abraçar com o olhar uma vasta zona.” (AUMONT, 2004, p. 55). O ato de abraçar com o olhar seria, portanto, uma característica marcante da visão “panorama” de realidade, tendo em conta que a experiência afetiva com vasta zona do meio ambiente eleva a relação com o mesmo a mais que a comum utilização predatória de seus recursos.

Nesta percepção, o que se defende é que a visão “panorama”, como metáfora analítica, permite que se amplie o olhar sobre o meio ambiente. Ainda assim, mesmo sendo mais amplo que a “selfie”, é importante superar o “panorama”, pois este é ainda um quadro que oferece apenas parte da realidade. É preciso mais que isso, embora possa se começar por aí, contrapondo-se à visão “selfie” de mundo.

Na visão “panorama” de mundo as redes virtuais não seriam mais espaços para a glorificação individual, mas para a formação de conexões com sujeitos reais e preocupados com a transformação do mundo. Ao visualizar uma foto panorâmica não pode-se deixar de notar a amplitude que alcança a ação humana, horizontalizada e realizada de modo consciente por um sujeito que não se vê mais como centro de um paraíso egóico.

Daí que seja relevante repensar o olhar sobre o relacionamento entre sociedade e natureza. Carvalho (2008) auxilia neste processo ao afirmar que os conceitos guardados na mente são construções que organizam o mundo e guiam as ações do homem. As ideias são como lentes que mediam a visão sobre o mundo. Muitas vezes estas conceptualizações se tornam cristalizadas, como se o único olhar possível sobre o mundo fosse aquele que o sujeito possui.

Porém, as imagens que as pessoas têm sobre a natureza são representações de caráter histórico e não retratos objetivos e neutros. A visão sobre o mundo natural influencia a ideia que se tem sobre meio ambiente, geralmente polarizada entre uma visão “naturalizada”, onde a natureza é dominada pela ordem biológica estável, pacífica e independente das interações com o humano; e uma visão da interação humana como nefasta e problemática.

O olhar proposto por Carvalho (2008) suplanta estas duas visões. A autora argumenta em prol da visão socioambiental.

Nesse ponto de vista, a natureza e os humanos bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único

mundo. [...] Optar por essa perspectiva permite-nos, por exemplo, falar em sociobiodiversidade, como um fator de diversificação desejável para a vida que vai além da simples diversidade biofísica (CARVALHO, 2008, p. 36).

Historicamente, as relações e experiências do homem com a natureza foram distintas, permanecendo ainda hoje um paralelismo das concepções aí formadas. Primeiramente, analisa Carvalho (2008), a natureza foi vista como domínio do selvagem, daquilo que é ameaçador. Desta forma, o sucesso humano se dava na medida em que conquistava-se e submetia-se o mundo natural à sua ação e interesse. Repudiar a natureza, até mesmo no próprio corpo humano, tornou-se sinal de triunfo, já que o natural é rústico, inculto, selvagem, obscuro e feio. Esta concepção presente do século XV ao século XVII está na base ideológica do pensamento moderno ocidental que ainda influencia a sociedade atual.

Num segundo olhar, a partir do século XVII, a natureza é representada como terreno do bom e do belo. As paisagens naturais, as plantas e os animais passam a ser interessantes e valorizados. A degradação ambiental e social devida à industrialização e à urbanização precária faz com que surja um sentimento de valorização da natureza ideal enquanto intocada pelo homem. Este pensamento também é reverberado hoje.

Embora estas duas visões sejam as mais marcantes na história da relação entre homem e natureza, esta última é bastante no desenvolvimento didático-pedagógico sobre a questão ambiental. Contudo, o que vale destacar é que, sendo as interações entre homem e meio mediadas pelo olhar, pelos conceitos elaborados por ele mesmo, é necessário recriar o olhar sobre o meio ambiente enquanto espaço da relação socioambiental, possibilitando novas compreensões e posicionamentos do homem.

A fertilidade da visão socioambiental é reiterada por Carvalho (2008, p. 37), pois este olhar “orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais”.

As reflexões propostas neste trabalho tomam o rumo da reinvenção do olhar, colocando a necessidade de uma visão socioambiental sobre o meio ambiente, haja visto que assim aceita-se ao mesmo tempo a ordem biológico-natural e a interação do homem com seu meio, que não é necessariamente agressiva, mas pode ser sustentável.

O panorama provoca a visão dos espectadores para que percebam e se relacionem com o ambiente. Sendo assim, o olhar reinventado enquanto visão “panorama” da realidade, proporciona outro pensamento sobre a relação entre homem e meio ambiente, que alinhado a

uma perspectiva socioambiental poderá levar a coletividade a engajar-se na (re)construção do equilíbrio ecológico. A educação da sociedade como um todo pode levar a umas ou outras concepções e atitudes, éticas ou não.

Neste sentido, vale notar o que Vernier (1994, p. 125) apresenta como motivo básico de uma educação sistemática preocupada com o ambiente: “Nem as leis, nem as taxas obrigarão os cidadãos a respeitar o meio ambiente se esse respeito, espontâneo, não lhes for inculcado pela educação”. Uma educação direcionada assim considera que a “manutenção e a melhoria da qualidade ambiental requerem embasamento ético. O abuso de sistemas de suporte à vida deveria ser não apenas ilegal, mas também considerado *antiético*.” (ODUM e BARRETT, 2007, p. 467).

Mesmo que deva-se ultrapassar o cumprimento de legislações, há amparo legal na Constituição Federal Brasileira que em seu 225º artigo prevê o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. O poder público e a coletividade têm papel fundamental na garantia deste direito, o que exige a transformação do olhar e das práticas com relação ao meio ambiente.

Entretanto, para a superação do atual estado degradado do planeta é preciso que a humanidade faça mais que cumprir legislações; é necessário que se trabalhe por uma sinergia amorosa com relação à Terra, uma ética baseada no respeito à vida em todas as suas formas. Cada ser humano necessita aproximar-se do ambiente em que se encontra e reestabelecer as conexões profundas que tem com ele e com as outras pessoas de sua comunidade.

Neste caminho, a contemplação da paisagem é um aspecto central para a tomada de consciência dos sujeitos com relação ao meio ambiente. Segundo Emídio (2006, p. 21), a paisagem “reflete o equilíbrio ecológico ou atesta seu desequilíbrio [...] pode, assim, ser um sensor da qualidade ambiental”. Entretanto, contemplar a paisagem, num sentido de admiração e encantamento, de relação aproximada fisicamente, não tem sido prática corrente na sociedade atual, mesmo na escolarização.

Apesar de o conhecimento do meio natural orientar o homem a respeitá-lo, o contato físico com esse ambiente torna-se, na vida contemporânea, cada vez mais indireto e limitado. Isso significa que o envolvimento do homem com a natureza é, atualmente, *mais recreacional do que vocacional* [...] Contatos superficiais, por meio de turismo, por exemplo, “não unem o homem à natureza” (EMÍDIO, 2006, p. 68).

O atarefamento do cotidiano, evidenciado principalmente na escola e no mercado de trabalho, tem tornado os indivíduos cada vez mais isolados do ambiente paisagístico onde se encontram. Desta forma, a lógica de consumo passa a consumir a sociedade.

O olhar é intensamente reduzido às telas, aos aplicativos tecnológicos, aos produtos de consumo, e menos direcionado ao horizonte de possibilidades perceptivas que circundam o indivíduo na relação com outros sujeitos e com a paisagem ao seu redor. Pela própria responsabilidade do homem, a ideia de máquina passa a usar os indivíduos. Não que as máquinas tenham em si força contra o homem, mas o homem cria as máquinas e impõe a lógica desumana das mesmas em suas relações.

Por este motivo, preocupar-se com o ambiente é, sobretudo, ressignificar, reposicionar o olhar, tornando-o novo, tirando o meio ambiente do estado de coisa, “descoisificando-o”, e direcionando as atitudes para a preservação da vida interdependente.

A fragmentação da realidade e a preocupação em dominar a natureza em prol dos desejos de crescimento ilimitado são problemas escancarados por Boff (2004), que aponta a interdependência entre as questões relacionadas à pobreza, à degradação ambiental, à injustiça social, aos conflitos étnicos, à paz, à democracia, à ética e à crise espiritual.

Estes inter cruzamentos trazem à discussão um tópico basilar: não pode-se superficializar os problemas da relação negativa entre homem e meio. Afinal, este é um campo complexo, profundo, e que, por isto, exige que o trabalho contraposto seja igualmente profundo, complexo, ultrapassando as camadas supérfluas de discussão e de projetos educacionais e sociais, por exemplo, de “conscientização” eventuais.

A partir daí fica evidente a necessidade de “desenvolver valores e propor princípios que garantam um equilíbrio ecológico, capaz de manter e desenvolver a vida” (BOFF, 2004, p. 58). Para tanto, é preciso criar meios diversos dos atuais, que proponham rupturas para se chegar a uma formação distinta da que vem ocorrendo, em que os sujeitos são treinados para controlar e não venerar o planeta.

Em um mundo globalizado, capitalista e violento, o homem se torna predador de seu próprio futuro. Deixando até mesmo de visualizar as paisagens ao seu redor, se distancia ainda mais da ideia de ser parte ativa do meio ambiente. O homem cria a distância para manter-se seguro e acomodado.

Daí que a paisagem deva ter centralidade num processo educativo socioambiental, visto que este contato, esta interação orgânica com a paisagem pode levar ao

reestabelecimento de vínculos de interdependência com a Terra. Todavia, para que este seja um processo relevante, Emídio (2006) aponta a profundidade e necessidade da percepção, do encantamento ou inquietação sobre a realidade.

Essa percepção da realidade externa alimentará o conhecimento como processo interno da mente. Por sua vez, esse conhecimento movimentará a esfera das emoções. Sem dúvida, o “conhecimento” da paisagem é, antes de mais nada, um conhecimento estético que desemboca em sensações e juízo de valor, num encadeamento psicológico deveras maravilhoso (EMÍDIO, 2006, p. 20).

Neste pensamento, não se pode cindir dimensão racional e emocional dos sujeitos, a não ser que não se pretenda um impacto integral. Emídio (2006) afirma que o homem, se percebendo parte do eco, será capaz de refletir sobre seu papel socioambiental na preservação dos espaços onde vive, olhando uma paisagem natural não mais como algo imaginário e distante da realidade e vendo a paisagem modificada como resultado da interferência humana em todas as dimensões.

Partindo disto, considera-se que a ação pedagógica tem de levar em conta não apenas a dimensão cognitiva do indivíduo, supervalorizada no mais das vezes, mas principalmente o uso da visão e dos demais sentidos para desencadear a percepção do ambiente de forma pessoal, significativa, que altere o espírito do indivíduo, fazendo-o sentir-se parte do ambiente em que se encontra.

É por isto que elementos que ultrapassem a lógica informacional, transmissiva, arcaica e autoritária, características da escolarização, precisam ser valorizados, objetivando a transformação do sentir e pensar a realidade ambiental. No processo de sensibilização ecológica do homem deve-se considerar uma relação física, lúdica, artística, contemplativa, sensível e aproximada do sujeito consigo mesmo, com o outro, com os objetos e com a natureza, em prol da responsabilização pela sustentabilidade do ambiente.

3 “Um novo olhar sobre o meio ambiente: da percepção à transformação” – análise da experiência de uma *Instalação Pedagógica*

Numa tentativa de vivenciar e proporcionar algo aproximado à visão “panorama” de mundo, os autores deste trabalho têm feito esforços conjuntos de reflexão e prática congruente com as concepções aqui esboçadas. A própria escrita deste texto é fruto deste pensar dinâmico e coletivo.

Também destaca-se a apresentação a outros das ideias aqui discutidas sob a proposta metodológica de *Instalação Pedagógica*. Mesmo sendo metodologia pouco conhecida nos meios escolares/universitários, os movimentos sociais campestres já a utilizam há algum tempo. Inseridos aí, Lopes, Conte, Cruz, Cardoso e Amorim Jr. (2013, p. 3) dão a seguinte definição:

Instalações Pedagógicas são cenários que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto. Estas são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e saber universitário. Compõem-se de elementos da realidade e criam uma ambiência problematizadora e suscitadora da reflexão.

É por isto que esta metodologia foi adotada pelos acadêmicos autores deste texto. A instalação pedagógica em análise no presente texto foi intitulada como “Um novo olhar sobre o meio ambiente: da percepção à transformação” e realizada durante a Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia (Presencial e PARFOR) – 2014 na Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Arraias. Foi a primeira de que se tem notícia na região. Tratou da questão socioambiental, buscando sensibilizar os sujeitos para a importância de refletirem sobre a temática e estabelecerem vínculos com seu meio, bem como de educar a outros neste mesmo sentido.

Percebe-se que nas comunidades da região nordeste de Goiás e sudoeste do Tocantins, representadas pelos participantes da instalação, há um descolamento na relação homem e meio ambiente. Mesmo sendo localidade rica em ambientes naturais do Cerrado, não tem-se um pensamento social de contemplação e interação positiva com a natureza, realidade perceptível em práticas pedagógicas com a temática ambiental.

O sistema social sob o qual a comunidade local vive sofre pressões para que o ritmo acelerado e exaustivo, tão característico das grandes cidades, também ocorra na região. É possível perceber que isto se concretiza de uma forma ou de outra. Há situações em que as pessoas se comportam como se habitassem metrópoles, deixando de perceber que o mundo ao seu redor oferece oportunidades e vantagens que os grandes centros não possuem. Nota-se o paradoxo dos desejos de estilos de vida e relações com o meio: o habitante do grande centro quer o ritmo calmo do interior; o interiorano não quer a desaceleração marcante de seu local, mas a vida agitada das metrópoles.

Portanto, o trabalho aqui analisado adquire relevância local, impulsionando a transformação de olhares dos sujeitos que visitaram o espaço. Ao mesmo tempo, a relação

distal entre homem e meio não é característica apenas desta região, sendo ainda mais grave em centros urbanos mais populosos.

Nesta conjuntura, para se alcançar os resultados esperados com a Instalação Pedagógica, foram articuladas imagens de paisagens regionais naturais e transformadas, textos sobre a problemática ambiental, áudios, vídeos explorando detalhes naturais da região, e elementos concretos (materiais recicláveis, plantas, resíduos sólidos diversos, objetos encontrados à margem de um córrego, objetos descartados em construções civis etc.) que estimularam, através da sensorialidade múltipla, a ressignificação do conceito de paisagem e meio ambiente. A contradição entre a beleza natural da região exposta nas fotografias e os materiais “indesejáveis” resultantes da ação humana no ambiente, dispostos de maneira incômoda, provocou a esperada reflexão a nível racional e emocional, como exemplifica o relato de uma das participantes, que dizia parecer estar no “paraíso” (fotografias) refletindo sobre as ações cotidianas (materiais dispersos).

Não houve apresentação oral de conteúdos, nem a frieza e a fragmentação acadêmicas. Apontava-se aos sujeitos qual era o sentido do trabalho, deixando a cargo a exploração e a significação estético-ética subjetiva, estimulada pelo questionamento de como preservar/restaurar o meio ambiente e resumida em notas adesivas disponíveis na instalação. Das 62 pessoas que participaram do espaço, tivemos 50 notas com uma rica diversidade de respostas, valorizando conhecimentos populares e científicos, o que pode ser entendido como uma “inteligência colaborativa”, orgânica, isto é, sustentável.

A proposta de instalação pedagógica parte da convicção de que para formar sujeitos conscientes de sua responsabilidade socioambiental é necessário um trabalho que integre mais do que o campo da racionalidade. A indicação teórico-metodológica presente em Barcelos (2008) é de que as representações que o homem tem, bem como suas ações, são resultados de relações complexas entre as diversas dimensões da existência. Portanto, educação ambiental não se reduz à conscientização enquanto processo de fornecimento de informações e ideias advindas somente da racionalidade.

Conscientizar não pode adquirir a forma de levar alguém a uma determinada consciência, uma consciência pretensamente superior, desprovendo a pessoa de construção própria e submetendo-a a um processo de subalternidade ao pensamento de outro. Sendo assim, é preciso romper a dissociação entre razão e emoção operada no pensamento que advém do Iluminismo. Aliás, este pensamento moderno ocidental é responsável pelo atual

estado da humanidade e do meio ambiente. O trato metodológico da educação ambiental, seja na escola ou em outro espaço, tem de reconhecer a indissociabilidade entre razão e emoção e trabalhar articulando esta completude característica do homem.

Deve-se, portanto, superar o ideário que tem a transmissão e a técnica como marcas mais profundas. Assim,

[...] mais que ensinarmos e/ou transmitirmos conhecimentos e técnicas há que criarmos espaços de exercício de atitudes que sejam mais coerentes com nossos princípios, fundamentos, teses, teorias ou pressupostos de mundo, bem como formas de *ser* e de *estar* neste mundo (BARCELOS, 2008, p. 54).

Gutiérrez e Prado (2013) apresentam as ideias de ecopedagogia e cidadania planetária, com base num paradigma emergente e sustentável de ciência e sociedade. Assinam indicadores para se avaliar o alinhamento de metodologias à sua proposta teórica, dentre os quais está a tendência à lógica do sentir como fundamento da sociedade planetária.

A lógica da racionalidade instrumental, que os autores nomeiam de lógica de acumulação e de morte, é dominante nas relações da humanidade com o planeta atualmente. Ela é apresentada como a causa da pobreza extrema e de diversos outros problemas existentes e se persistir levará a humanidade a um estado ainda pior.

Uma outra lógica, a do sentir, da emoção e do amor, é apresentada como resposta à hegemonia do utilitarismo, levando a resultados diametralmente distintos.

A lógica do sentir, da percepção, do bem-estar nos conduz à interdependência e relação harmônica com os outros seres e nos revela o verdadeiro sentido do que é o ser humano e de quais suas funções dentro do conjunto dos outros seres do cosmos. A lógica da exclusão deve dar passagem à auto-organização, à energia cósmica, à celebração da vida, ao espírito criador e à convivência planetária (GUTIÉRREZ e PRADO, 2013, p. 87).

Esta lógica coloca a necessidade de intercâmbio com o outro, respeitando sua autonomia e os valores éticos basilares de interdependência e auto-organização. É por estes motivos que a instalação pedagógica buscou alcançar as pessoas de forma integral, holística. A dimensão racional não foi a mandante, mas integrou-se aos demais campos de existência do homem, promovendo um impacto total e não fragmentário. A exposição de fotografias junto a textos informativos e argumentativos pertinentes à questão socioambiental, por exemplo, estimulou o senso estético alinhado à exposição racional da realidade, em suas belezas e desafios.

Tem-se amostra da fertilidade do trabalho revendo algumas das notas deixadas pelos participantes e percebendo o quanto é difícil selecioná-las para este texto: “Pequenas atitudes

podem mudar o mundo. Se você muda, tudo muda ao seu redor muda com você, para melhor”; “Nossas crianças também *agradecerá* se nos tornarmos professores pesquisadores e orientarmos de acordo com sua necessidade”; “A natureza chora com dores de parto”; “Reutilizar é preciso, ter uma visão de mundo diferente é essencial...”; “A natureza é uma arte que transforma a cada dia”; “Reciclar para mudança chegar”; “Criou pois Deus o céu e a terra e viu que era muito bom! Gênesis 1:31”; “Incentivar a Educação Ambiental *na* escolas dos anos iniciais assim podemos crescer visando a sustentabilidade”.

Nota-se que estas devolutivas dos sujeitos participantes evidenciam uma diversidade de possibilidades tais quais foram as diversidades de subjetividades presentes. Os caminhos propostos pelas pessoas foram desde ações mais simples, individualizadas e íntimas, como a necessidade de mudança interior, até questões mais sistemáticas e relacionadas a políticas públicas, como as questões de educação ambiental na escolarização e a formação docente adequada à pesquisa e a esta problemática.

Apesar da vivência de ritmos acelerados (e até desinteressados) para com o meio, as colocações das pessoas que participaram fazem valer a ideia de que não há completa insensibilidade à intervenção e à sugestão de mudanças. Isto reforça a naturalidade humana, a interação com o meio e o foco do trabalho realizado. Muitas vezes só é preciso que haja estímulo, incentivo, ou que se mostre um novo caminho.

É preciso que se levantem outras vozes neste sentido, com a intenção de reinventar olhares e promover transformações socioambientais. O empoderamento dos sujeitos para fazer eco à urgência desta questão é um caminho possível e é o que se tenta neste trabalho que não se dá por acabado, mas que se une à percepção de que o problema socioambiental leva à necessidade de

[...] mudar de vida, porque em outro e muito mais grave sentido, vida, só há uma. Mudar de vida – mudar de modo de vida, mudar de “sistema” - sempre. O capitalismo é um sistema político-religioso cujo princípio consiste em tirar das pessoas o que elas têm e fazê-las desejar o que não tem. Outro nome desse princípio é “desenvolvimento econômico” (ISA, 2007, p. 11).

Portanto, a sociedade precisa adotar o “sistema de desenvolvimento sustentável”, tornar sustentável a ideia de desenvolvimento. Para esta tarefa é que a discussão aqui realizada em torno das perspectivas pedagógicas sobre a questão socioambiental, bem como a Instalação Pedagógica contribuem.

4 Considerações finais

A partir das reflexões teóricas e da experiência analisada, propõe-se que a educação leve em conta a interação do sujeito com o meio e vice-versa, num exercício de percepção do ambiente de um ponto de vista crítico, capaz de fortificar a relação socioambiental, isto é, entre sujeito e sujeito e sujeito e ambiente.

Uma visão panorâmica de mundo real, oposta à visão “selfie” de mundo, extrapola os limites da conceituação buscada neste trabalho e evoca a responsabilidade da humanidade com sua própria origem, sua influência e legado para as gerações futuras. Aqui, a paisagem se insere no panorama, compreendendo “não só os lugares, mas de certa forma, também os estilos de vida” (EMÍDIO, 2006, p. 17). Assim, o sujeito não só compõe a paisagem, mas é a própria paisagem, com suas características e diversidades étnicas, culturais, familiares, etc., perpetuada no tempo.

Considerando isto, são urgentes práticas pedagógicas que exponham a realidade local, em seus aspectos trágicos e encantadores. Isto fará com que os sujeitos se desloquem de sua posição de estagnação para o enfrentamento do contexto com suas demandas ambientais como queimada, seca, desmatamento, assoreamento de rios, extinção da fauna e da flora etc.

Este movimento de inserção dos sujeitos na paisagem e no ambiente em que vivem pode auxiliar num despertar ecológico, aliado ao necessário encantamento pela beleza natural, caótica, desconstrutora dos padrões de beleza artificiais erigidos pela sociedade. Também pode levar à construção e validação de outras conceitualizações de beleza, de habilidades socioafetivas e dos conhecimentos em ciências ecológicas.

Junto a estes propósitos, a Instalação Pedagógica “Um novo olhar sobre o meio ambiente: da percepção à transformação” mostra sua relevância por primar pela participação (cria)ativa dos sujeitos e tentar despertá-los em sua integralidade.

Ressalta-se que há outros caminhos que podem ser abertos por meio de pesquisas. Por exemplo, a teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner, que traz importantes contribuições sobre o atrelamento do ser humano com o ambiente, de forma intrínseca, o que pode contribuir para a mudança da conduta da comunidade educacional com relação à temática socioambiental, como ressaltam Yunes e Juliano (2010).

É fértil aprofundar as análises das ideias de Urie Bronfenbrenner. Como “ecologista humano”, este autor aborda a perspectiva psicossocial da construção do sujeito de forma mediada - independente de que essas relações sejam boas e positivas ou não – onde o

desenvolvimento do homem enquanto ser social é construído na mediação de suas ações e de sua passividade no meio onde vive. Isso fará dele um sujeito consciente de seu papel e de suas ações, ou o fará um ser não tão humanizado. Não crê-se que o homem seja vítima ou resultado determinado dos processos sociais, mas cabe relevar que o meio influencia significativamente a construção psicossocial do homem, como argumenta Bronfenbrenner. As relações sociais podem e devem ser reconstruídas ao longo da vida, melhorando a relação meio-homem e homem-homem nos vários sentidos dessa interação.

Também é interessante agregar as ideias apresentadas por James Carse (2003), que discute a relação entre homem e natureza desde um viés socioeconômico. Ou seja, o processo de mecanização da humanidade faz com que o homem se torne vítima de suas próprias criações num jogo político que exclui do homem sua essência enquanto ser natural. Na realidade, ao negar a natureza e explorá-la apenas como recurso utilitário, o humano nega sua própria origem e essência. Além disto, é problematizada a relação do homem com o lixo: o que é lixo? Como se joga algo “fora”, se o resíduo volta à natureza?

As ideias do autor vão ao âmago das relações sócio-políticas, fator que não pode ser desconsiderado quando se trata da relação socioambiental, pois quanto mais uma cultura humana desenvolve o hábito de respeito à natureza, mais tende a ser equilibrada e sustentável. Assim, os argumentos de Carse (2003) não podem ser descartados em discussões e posteriores estudos.

Considera-se assim que os debates e as práticas devem prosseguir, retomando e ou dialogando com as ideias aqui apresentadas, de modo que a visão socioambiental seja referência e parte vital do cotidiano do pensamento social, da educação enquanto parte da sociedade, assim como da escolarização. Espera-se contribuir para que a escola seja um espaço onde as discussões socioambientais sejam de fato realizadas no intuito de fortalecer a ligação intrínseca do homem com seu meio, resgatando sua identidade de sujeito ativo.

5 Referências

AUMONT, Jacques. **O olho interminável [cinema e pintura]**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac-Naify, 2004.

BARCELOS, Valdo. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOFF, Leonardo. Um ethos para salvar a terra. In: CAMARGO, Aspásia; CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro; OLIVEIRA, Puppim de. (orgs.). **Meio ambiente Brasil: avanços e obstáculos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

CARSE, James P. **Jogos finitos e infinitos**: a vida como jogo e possibilidade. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

EMÍDIO, Tereza. **Meio ambiente e paisagem**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. Trad. Sandra Tabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, Leandro de S.; CONTE, Guilherme M.; CRUZ, Nina A. C.; CARDOSO, Irene M.; AMORIM JR., Paulo C. G. Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre/RS, Vol. 8, No. 2, Nov. 2013.

ODUM, Eugene P.; BERRETT, Gary W. **Fundamentos da ecologia**. Trad. Pégasus Sistemas e Soluções. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

VERNIER, Jacques. **O meio ambiente**. 9. ed. Trad. Marina Apenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2007.

YUNES, Maria Angela Mattar; JULIANO, Maria Cristina. A bioecologia do desenvolvimento humanos e suas interfaces com educação ambiental. **Cadernos de Educação**, Pelotas, Vol. 37, p. 347-379, setembro/dezembro 2010.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Diversidade socioambiental. In: RICARDO, Beto; CAMPANILI, Maura (orgs.). **Almanaque Brasil socioambiental**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2007.

Resumo

Um dos maiores desafios no contexto educacional atual é reinventar as práticas com relação à temática do meio ambiente a partir de uma visão socioambiental. É neste contexto que o presente trabalho se insere, com o objetivo de fomentar um olhar socioambiental no cenário teórico-prático da educação. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e análise de uma experiência com a metodologia de Instalação Pedagógica. Desta forma, primeiro faz-se uma discussão teórica pertinente à questão, evidenciando a profundidade da mesma por meio da metáfora de visão “selfie” de mundo x visão “panorama” de mundo. Em seguida, analisa-se como caminho potente a metodologia da Instalação Pedagógica, realizada pelos autores no ano de 2014, com foco no estímulo à sensorialidade e na ressignificação do conceito de paisagem e meio ambiente. Por fim, considera-se a necessidade de levantar mais vozes a favor de uma relação socioambiental sustentável, bem como aponta-se algumas questões a serem investigadas posteriormente.

Palavras-chave: Olhar Socioambiental. Instalação Pedagógica. Educação Ambiental. Selfie. Panorama.

Abstract

"SELFIE" X "PANORAMA": A LOOK SOCIO-ENVIRONMENTAL ABOUT THE PROCESS EDUCATIVE

One big challenge at present in the Educational context is reinvent practices associated with the environment from the socio-environmental vision. The objective of this project is develop a new socio-environmental perspective inside the education system applying its theoretical and practical areas. For this purpose, bibliography researches and analyses of experiments that use methodology of pedagogical installation were

done. Thereby, This study starts with a theoretical discussion about the theme and It points how deep is it. For th~
is conclusions it uses a comparison between a panoramic and a selfie vision of the world. After, It considers the methodology of pedagogical installation, realized for the authors in 2014, how a potential way to be followed. The focus of the methodology was the sensory stimulation and the redefinition of the concept flandscape and environment. Lastly, the project shows that is necessary have more people in favor of sustainable development looking to improve the relationship socio-environmental, nature and men. Also , there are some questions to be investigated later.

Keywords: Environmental look. Pedagogical installation. Environmental education. Selfie. Prospect.